

Ecoss da Geração *Beat* na obra de Pier Vittorio Tondelli

Prof. Dr. Hilario Antonio Amaral¹ (UNESP)

Resumo:

Pier Vittorio Tondelli (1955/91) explorou como poucos, ou tantos, os tênues limites entre realidade e ficção. É fato que sua obra revela um grande apreço pelos autores norte-americanos denominados The beats. Os temas da viagem, da descoberta, da estrada que vai longe, do diverso, do diferente, do ir (e também, por que não, do voltar, de vez em quando) predominam em seus romances. O primeiro Altri libertini (1980), publicado pela tradicional e esperta Feltrinelli, foi retirado das prateleiras italianas sob acusação de obra obscena. Felizmente, a justiça, pressionada pela indignação geral, retirou a própria venda e revogou a proibição da venda do livro. Já Camere separate (1991), autobiográfico além do umbigo, confirma seu desejo de dar voz aos malvistas e àqueles que nada mais querem senão registrar suas alegrias, tristezas e morrer em paz.

Palavras-chave: narrativa italiana, Pier Vittorio Tondelli, geração *Beat*.

Introdução

É inegável a autenticidade do movimento *beat* no que diz respeito à sua expressão literária, a sua influência na mudanças de comportamento da sociedade norte-americana e também de outros países. Nenhum outro movimento literário surgido nos anos 1950 despertou tanto interesse quanto ele. Talvez porque a literatura *beat* não tenha se originado do nada. Ela surgiu e cresceu enfrentando os lugares comuns do bom gosto e da inibição.

Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreram muitas transformações radicais na sociedade norte-americana, contudo, a expressão literária conservava-se a mesma, apesar da realidade brutal daqueles anos. Nesse contexto, alguns jovens que não tinham nada a perder – dotados da perigosa virtude de ousar acreditar naquilo que haviam vivido – começaram a divulgar seus textos. *On the road*, de Jack Kerouac, por exemplo, narra as experiências e atitudes de um grupo de agitados jovens americanos loucos para viver, loucos para conversar, loucos para serem salvos, cujos principais interesses são festas alucinantes, jazz moderno, *rock and roll*, drogas e atitudes amorais em relação ao sexo. O espírito de busca intenso das personagens de *On the road* é, praticamente, a única coisa que os difere dos criminosos comuns.

Assim como a literatura *beat* norte-americana, a obra de Pier Vittorio Tondelli surgiu, cresceu e enfrentou a ira dos literatos respeitáveis e também da crítica. Como aqueles jovens autores, Tondelli acreditava nas experiências que havia vivido e ousou divulgá-las em seus escritos. Sua obra é fruto de uma tendência literária dos anos oitenta, ou seja, da recusa consciente das ideologias, depois da avalanche político-ideológica pós 1968; fruto também da recusa da obrigatoriedade de se fazer literatura necessariamente engajada. Junto com outros escritores como Aldo Busi e Enrico Palandri, Tondelli deu vida ao gênero do novo romance italiano surgido nos anos 80. Roberto Carnero em seu livro *Lo spazio emozionale – introduzione alla lettura di Tondelli* (1998) afirma que Tondelli é um dos principais, se não o líder, dos chamados *giovani scrittori* dos anos 80.

Em seus livros, ele nos apresenta uma juventude não só marginalizada, mas também assolada por uma grave crise de identidade. Antes da publicação de seu primeiro livro *Altri libertini* (1980),

aos 25 anos, nenhum autor havia ousado evocar com tamanha liberdade questões sobre as drogas e sobre o sexo. Giovanni Dall’Orto afirma que o livro de Tondelli tornou-se:

...da un giorno all’altro un best-seller e il suo autore un caso letterario. Tondelli divenne anche il simbolo di una generazione (quella del’77), colui che aveva dato la parola ad una fauna di alternativi, femministe, tossicomani, gay, travestiti che fino allora non avevano avuto accesso nel mondo dell’editoria. (DALL’ORTO, 1992, p.21)¹

Dessa forma, predominam em seus textos os temas individuais, privados e minimalistas. É possível identificar em quase todos eles um sentimento subterrâneo e triste, que nos leva a refletir sobre os perigos da carência emocional. Ele não nos impõe limites, mas nos adverte sobre eles quando nos revela a possibilidade de se construir um mundo diferente daquele em que vivemos.

Em vários momentos da obra de Tondelli identificamos sua forte ligação com o tema da solidão: o viajante solitário. Aquele que sofre para sobreviver, por causa das suas escolhas. Talvez essa seja uma das razões para o seu grande sucesso junto ao público leitor, principalmente os jovens. E também aqueles que livraram-se da juventude! De fato, frequentemente encontramos referências ao *giovanilismo* ou ao *scrittore giovanilista* nos estudos dedicados ao autor.

Como dissemos, não são poucos os escritos – e escritores – tondellianos identificados com a solidão. Mal que sempre nos afligi e ainda aflige. Para comprovar, destacamos trechos de três textos que revelam também, um pouco, o processo criativo do autor: a reescritura. São eles, *Viaggiatore solitario*, (1987) *Questa specie di patto* (1987) e *Camere separate* (1989).

Quando si viaggia soli ci si sente ridicoli e disarmati. La solitudine si fa sentire non tanto nel bisogno di qualcuno, ma nelle piccole manovre quotidiane che diventano difficoltose e stancanti, quasi impossibili. Essere in treno e dover abbandonare il bagaglio per raggiungere la toilette; aspettare in un aeroporto e lasciare il carrello con la valigia, lo zaino, la macchina fotografica, il walkman, le penne stilografiche, i quaderni del diario, per riuscire a telefonare, sedersi in un ristorante, entrare nel chiosco per comprare le sigarette...Solamente in questo, viaggiando, mi sento solo. Nient’altro.

Ho imparato ad accettare la goffagine di pranzare da solo in un ristorante cinese; ho subito la maleducazione di quegli odiosi viaggiatori di coppia che pretendono il tuo tavolo, perché tu sei solo e loro in due. Voglio che la mia solitudine sia rispettata. Se sono solo, non per questo sono un uomo a metà. (TONDELLI, 1993, p.379)²

A descoberta da solidão significa, para Tondelli, refletir sobre a morte e sobre a elaboração do luto. É o percurso a ser seguido por aqueles que estão sós, que devem esquecer alguém, que viajam e vêem o mundo com os olhos de uma pessoa separada para sempre de outra. Viagem interior realizada em clima de cerimônia fúnebre, de biografia – e autobiografia – de uma educação sentimental desenvolvida paralelamente à realização de um inventário dos mitos e dos ritos de

¹ ...de um dia para outro o livro virou *best-seller* e o seu autor um caso literário. Tondelli tornou-se também o símbolo de uma geração, (a de 1977) aquele que havia dado voz a uma fauna de alternativos, feministas, toxicômanos, gueis e travestis, que até então não tinham espaço no mundo editorial.

² Quando viajamos sozinhos nos sentimos ridículos e desarmados. A solidão se faz sentir não tanto pela necessidade de alguém, mas nas pequenas ações cotidianas que se tornam difíceis e cansativas, quase impossíveis. Estar em um trem e precisar abandonar a bagagem para ir ao banheiro; estar no aeroporto e abandonar o carrinho com a mala, a mochila, a máquina fotográfica, o *walkman*, as canetas, os cadernos do diário, para poder telefonar, sentar-se num restaurante, entrar numa tabacaria para comprar cigarros... Somente nessas situações, viajando, sinto-me só. Em mais nenhuma.

Apreendi a aceitar o ridículo de almoçar sozinho num restaurante chinês; senti a má educação daqueles odiosos casais de turistas que querem a sua mesa, porque você está só e eles em dois. Quero que a minha solidão seja respeitada. Se sou só, não por isso sou um homem pela metade.

algumas gerações. Os protagonistas dos textos seguintes, *Questa specie di patto* e *Camere separate*, sentem-se diferentes justamente porque são pessoas reflexivas, possuem uma profissão diferenciada – jornalista/escritor – e não sabem muito bem aonde devem ir nem quem são.

Sono anni che ormai viaggio solo. Conosco l'infinita pena del viaggiatore solitario che in un qualunque scompartimento di un treno deve chiamare il controllore per andare alla toilette e non lasciare i bagagli incustoditi; conosco la seccatura un po' umiliante del dover pranzare da solo in un ristorante sotto gli occhi irritati di squallide coppiette che, in fila, ti guardano come se fosse un loro dovere avere il tuo tavolo, di cui sei soltanto uno sfigato usurpatore; conosco la fatica fisica, gli imbarazzi, i dubbi di chi viaggia solo con se stesso. Conosco la stupidità delle „camere singole“ in cui i letti sono piccolissimi, i lavabi minimi e i soffitti bassi, come se ogni viaggiatore solitario fosse un nano e non una persona come le altre, con braccia, gambe e bisogno di spazio. Conosco la scortesie e il tono pietoso degli altri compagni di viaggio che ti si rivolgono con quel garbo ipocrita che si riserva a un vedovo, a una persona che ha perso la propria metà. Ma io conosco anche l'immensa completezza di questa mia solitudine, le orecchie attente, gli occhi sempre presenti, la concentrazione, le illuminazioni interiori quando non hai nessuno all'infuori di te da mettere al corrente di una scoperta, e allora, seduto su una pietra di una qualsiasi isola greca, chiedendoti perché quel sole debba essere così forte e quel mare così azzurro e la terra così nera, ti guardi dentro, e dentro puoi rivedere i soli, le mareggiate, le burrasche e gli approdi della tua vita. Fin quando avrò fiato in gola e forza nelle gambe, e le mie braccia riusciranno a trascinare un sacco, difenderò questo mio diritto di essere solo – uno come tanti – nella mia completezza.(...)

Nei viaggi solitari esiste una pienezza diversa di sé. La possibilità di vivere in territori neutri, in mezzo a persone che abitualmente parlano una lingua diversa, il fatto di adattarsi a un'architettura e a un paesaggio stranieri, producono uno spiazzamento delle nostre certezze e, se si è veramente onesti e sinceri, permettono di scoprire chi si è. In sostanza, tutti i viaggi che si fanno sono solo la figura di quell'altro viaggio all'interno di noi stessi che inizia nel momento in cui nasciamo e finisce quando Dio vorrà. Non c'è viaggio più avvincente di quello che ognuno può fare alla scoperta di sé. E ci sono, naturalmente, molti modi per fare questo viaggio. Amare una persona, per esempio. Vivere insieme a lei. Esseri abbandonati da quella stessa persona, come è accaduto a Helmut dopo otto anni. Oppure ritirarsi in un deserto e abbracciare l'esperienza mistica. Per quelli come Helmut e me, troppo amanti del mondo per abbandonarlo, troppo scorticati dall'amore per cercarne un altro, c'è una sola strada: la scoperta della solitudine. (TONDELLI, 1993. p. 140/141)³

³ Há anos que viajo sozinho. Conheço a infinita pena do viajante solitário que em qualquer compartimento de um trem precisa chamar o controlador para poder ir ao banheiro sem deixar as malas sozinhas; conheço a chatice um pouco humilhante de precisar almoçar sozinho em um restaurante sob os olhos irritados de esqueléticos casais que, em fila, te observam como se fosse um dever deles ocupar a tua mesa, da qual és apenas um infeliz usurpador; conheço o cansaço físico, os embaraços, as dúvidas de quem viaja sozinho consigo mesmo. Conheço a estupidez dos “quartos simples” cujas camas são pequeníssimas, os lavabos mínimos e os tetos baixos, como se todo viajante solitário fosse um anão e não uma pessoa como as outras, com braços, pernas e necessidade de espaço. Conheço a descortesia e o tom piedoso dos outros companheiros de viagem que se dirigem a você com aquele garbo hipócrita que se reserva a um viúvo, a uma pessoa que perdeu a própria metade. Mas eu conheço também a imensa totalidade dessa minha solidão, os ouvidos atentos, os olhos sempre presentes, a concentração, as iluminações interiores quando não tens ninguém além de ti para contar uma descoberta., e então, sentado sobre uma pedra de uma ilha grega qualquer, perguntando-se por que aquele sol precisa ser tão forte e aquele mar tão azul e a terra tão negra, olhas para dentro de ti, e lá dentro podes rever os sóis, as tempestades marítimas, as borrascas e as alegrias da tua vida. Enquanto eu tiver fôlego e força nas pernas, e os meus braços conseguirem carregar uma mala, defenderei este meu direito de ser só – um como tantos – na minha totalidade.

Camere separate (1989) é o romance que melhor representa a maturidade de Tondelli e que ele mesmo reconhece como a maior obra da sua breve vida (1955 -1991). Em uma carta endereçada ao seu tradutor alemão ele confessa:

Quattro anni di concentrazione interiore per metter al mondo Camere separate, una vera attraversata di dolore della giovinezza che finisce. Io mi dicevo „Quando avrò finito questo libro, sarò veramente a secco. Completamente vuoto. E invece eccomi qua pieno di entusiasmo – non felice, no – ma in pace con me stesso“.
(TONDELLI, 2000, p.154)⁴

Perda de identidade com as próprias raízes e auto-análise são dois aspectos marcantes em *Camere separate* e se manifestam durante as *trips* de Leo, marcadas por etapas consideráveis da sua viagem interior. O protagonista é apresentado como um viajante solitário que dorme bastante, evita centros importantes, carrega três malas, um único livro, um caderno e um walkman. Dessa forma, sente-se bem apetrechado para a sua expedição rumo ao silêncio pelas trilhas da sua solidão e das suas recordações. O processo de formação pelo qual ele atravessa, ou refaz, é complicado, incerto e apresenta um desenvolvimento irregular e indefinido, com características de uma contínua re-formação. A auto-análise de Leo remonta ao início de um processo labiríntico: ao momento em que, ainda muito jovem e recém saído da adolescência, começou a sua busca frenética por aventuras temerárias. É o início de um período marcado pela separação, pela privação e pela solidão, que culmina com a morte de seu parceiro Thomas. A perda de Thomas é sentida com maior intensidade por Leo a cada dia que passa. Ele até consegue encarar racionalmente, porém no seu íntimo as coisas não acontecem assim. Na verdade, ele não tem a menor idéia do que está lhe acontecendo.

La solitudine è questa situazione un po' buffa, un po' ridicola, un po' aggressiva di un uomo seduto al tavolo di un ristorante turistico: l'immagine di una persona incompleta, un tanto goffa da sembrare stupida o arrogante. Leo deve incominciare a difendere questa sua solitudine. Non deve permettere che gli altri lo vedano come un atomo dalle valenze aperte, come qualcuno immiserito dalla mancanza di un compagno, di un amico, di un amore. La solitudine è anche scomodità. Obbliga a rivolgersi agli altri, a fare richieste continue. Sul treno lui non può lasciare i bagagli per recarsi al ristorante. Deve cercare il controllore, o un altro passeggero, e chiedergli di dare cortesemente un'occhiata alla macchina fotografica. Negli aeroporti, con il carrello carico di valigie, non riesce a raggiungere la toilette, o la cabina del telefono soprattutto se si trovano a livelli diversi da quelli in cui è stato sbarcato e allora, scaricare i bagagli, affrontare le scale, deporli, entrare in un bagno diventa un'impresa impossibile, faticosa già mentalmente. Nei ristoranti è pressato dalla gente in coda solo perché gli altri sono in due e lui, solo, sta occupando un piccolo tavolo. Negli alberghi le camere singole sono, in genere, le più strette e le più piccole: i sottotetti o le mansardine

Nas viagens solitárias existe uma plenitude diferente de si próprio. A possibilidade de viver em territórios neutros, em meio a pessoas que habitualmente falam uma língua estranha, o fato de adaptar-se a uma arquitetura e a uma paisagem estrangeiras, produzem uma confiança nas nossas certezas e, se se é verdadeiramente honesto e sincero, permitem descobrir quem somos. Em suma, todas as viagens que fazemos são apenas a figura daquela outra viagem ao interior de nós mesmos, que começa no momento em que nascemos e termina quando Deus quiser. Não existe viagem mais cativante que aquela que cada um pode fazer rumo à descoberta de si próprio. E existem, naturalmente, muitas maneiras de se fazer esta viagem. Amar uma pessoa, por exemplo. Viver com ela. Ser abandonado por aquela mesma pessoa, como aconteceu com Helmut depois de oito anos. Ou então isolar-se num deserto e abraçar uma experiência mística. Para aqueles como Helmut e eu, apaixonados demais pelo mundo para abandoná-lo, esfolados demais pelo amor para procurar outro, existe uma só estrada: a descoberta da solidão.

⁴ Quatro anos de concentração interior para dar ao mundo *Camere separate*, uma verdadeira travessia de dor pela juventude que se vai. Eu dizia para mim mesmo: “Quando tiver terminado este livro, estarei completamente seco. Completamente vazio. E no entanto, eis-me aqui cheio de entusiasmo – feliz não – mas em paz comigo mesmo.”

della servitù. E per giunta c'è sempre un supplemento da pagare. (TONDELLI, 1991, p.85)⁵

A solidão provoca a compaixão das outras pessoas, mas Leo não considera a própria solidão como um desespero. Procura concentrar-se em si, encerrando-se nas suas próprias fantasias e recordações. Tenta agarrar a parte mais verdadeira de si próprio, recuperando-a através das recordações, da reflexão e do silêncio. Todos os momentos decisivos para o protagonista são marcados pelo confronto com a morte e com o medo de morrer. Ele não se desespera com a sua solidão, ao contrário, concentra-se cada vez mais nela e procura resgatar somente as verdades que encontra. As viagens são narradas como uma fuga sem fim e desesperançada, porém necessária para que ele ainda possa tentar estabelecer um relacionamento mais equilibrado e consciente com o mundo exterior e suas leis.

Conclusão

Embora Tondelli não perca de vista os modelos exportados exaustivamente pelos Estados Unidos, sejam de boa ou má qualidade, essa influência é mediada pela realidade social na qual o autor se encontra concretamente inserido. Mesmo assim, alguns críticos insistiram em defini-lo como um autor bukowskiano caracterizado pela alienação e pela inutilidade.

O corpo, a droga, a viagem, a música e a escrita são temas recorrentes no percurso literário tondelliano; modalidades diferentes para exprimir a incapacidade de confronto paritário com a realidade, a tentativa de fuga e de anulação. A emotividade que envolve o texto (e o leitor), interfere no estilo criando uma linguagem particular e emotiva.

Entre os livros que publicou, *Camere separate* era o preferido de Tondelli, talvez porque soubesse que naquelas páginas ele havia colocado muito de si, sem nenhuma preocupação com dissimulações. Seu lançamento serviu como um teste para ele, pois não era só a obra que estava em julgamento, mas também a sua intimidade e a relação entre a poética do sentimento e a palavra que a contém.

Referências Bibliográficas

- [1] AA.VV. *Geração Beat*. Org. Seymour Krim, Trad. Marcello Corção, São Paulo, Brasiliense, 1968.
- [2] AA.VV. *Io & Tondelli*. Org. Enos Rota, Piombino, Il Foglio, 2007.
- [3] CARNERO, Roberto. *Lo spazio emozionale: Guida alla lettura di Pier Vittorio Tondelli*. Novara, Interlinea, 1988.

⁵ A solidão é esta situação um pouco burlesca, um pouco ridícula, um pouco agressiva, de um homem sentado à mesa de um restaurante turístico: a imagem de uma pessoa incompleta, tão pouco à vontade que pode parecer estúpida ou arrogante. Leo tem de começar a defender a sua solidão. Não deve permitir que os outros o vejam como um átomo com valências livres, como alguém empobrecido pela falta de um companheiro, de um amigo, de um amor. A solidão é incômoda. Obriga a pedir ajuda aos outros, a fazer pedidos constantemente. No trem não pode abandonar as bagagens para ir ao restaurante. Tem de procurar o controlador, ou outro passageiro, e pedir para fazerem o favor de dar uma olhada na máquina fotográfica. Nos aeroportos, com o carrinho cheio de malas, não pode ir ao banheiro ou à cabina telefônica, sobretudo se se encontram em andares diferentes daquele em que desembarcou e, portanto, descarregar as malas, transportá-las pelas escadas e entrar num banheiro, torna-se uma tarefa impossível, cansativa só de pensar. Nos restaurantes é pressionado pelas pessoas na fila, apenas porque estão acompanhadas e ele ocupa sozinho uma mesa pequena. Nos hotéis, os quartos individuais são em geral os mais apertados e pequenos. E, além disso, é preciso pagar um suplemento.

- [4] DALL'ORTO, Giovanni. *Con le ali tarpate*. Babilonia, n. 97, 1992, pp.21-23.
- [5] TONDELLI, P. V. *Altri libertini*. Milão, Feltrinelli, 1980.
- [6] TONDELLI, P. V. *Un weekend postmoderno. Cronache dagli anni ottanta*. Milão, Bompiani, 1993.
- [7] TONDELLI, P. V. *L'abbandono - Un weekend postmoderno 2. Racconti dagli anni ottanta*. Milão, Bompiani, 1993.
- [8] TONDELLI, P. V. *Camere separate*. Milão, Bompiani, 1991.
- [9] TONDELLI, P. V. *Un weekend postmoderno. Cronache dagli anni ottanta*. Milão, Bompiani, 1993.
- [10] TONDELLI, P. V. *Pier Vittorio Tondelli Opere. Romanzi, teatro, racconti*. Milão, Bompiani, 2000.

Autor

¹ **Hilario Antonio AMARAL, Prof. Dr.**
Universidade Estadual Paulista (UNESP-FCL-Araraquara)
Departamento de Letras Modernas
hilarioama@hotmail.com